

**INTERVENÇÃO DE V. GISCARD D'ESTAING
PRESIDENTE DA CONVENÇÃO EUROPEIA**

**NA SESSÃO INAUGURAL
DA CONVENÇÃO DOS JOVENS
Bruxelas, 10 de Julho de 2002**

**Senhor Presidente da Comissão da Juventude,
Senhora Comissária,**

Jovens Convencionais,

**Como Presidente da Convenção Europeia, cabe-me abrir a
sessão da Convenção dos Jovens.**

**Em 28 de Fevereiro último, por ocasião da sessão inaugural da
Convenção Europeia, propus se reunisse uma Convenção dos Jovens
da Europa, que realizaria uma sessão nos mesmos moldes que a nossa
Convenção.**

Ei-la hoje aqui reunida.

Porquê esta Convenção dos Jovens?

Foi-nos confiada a missão de propor a organização da Europa do futuro. Estamos conscientes de que é sobretudo para vós que a construímos.

Sois o futuro da Europa!

Parece-nos, pois, indispensável recolher as opiniões e ouvir as ideias dos actores da Europa de 2020.

Essa Europa pertencer-vos-á. Nela ireis viver, nela ireis trabalhar. Dar-lhe-eis vida e, com toda a certeza, fá-la-eis evoluir ainda mais.

Será uma Europa diferente da que conhecemos, e imaginámos de início.

Inserir-se-á na continuidade do projecto inicial, tão audacioso e corajoso se pensarmos nas circunstâncias em que foi lançado, mas terá de se adaptar a novos dados.

*

*

*

O projecto dos anos 50, era oferecer a paz e a reconciliação ao nosso continente. Era também criar um Mercado Comum, derrubando as barreiras comerciais que existiam em toda a parte, um mercado que iria constituir uma etapa na via de uma união progressiva da Europa.

Esses tempos já vão longe. Mas podeis ainda entrever, não muito atrás de vós – só uma ou duas gerações –, com o espanto no olhar por vos ver aqui reunidos, os vossos familiares que viveram as provações da antiga Europa. Delas foram testemunhas e, em muitos casos, vítimas.

É admirável o caminho percorrido em cinquenta anos!

A ideia da guerra entre Europeus, que enche as páginas dos livros de História e os cemitérios, foi banida dos espíritos, eliminada, erradicada.

A paz e a reconciliação instalaram-se na Europa.

Sois disso testemunhas: podeis dar-lhes o vosso aplauso!

A Europa dotou-se de um Parlamento, eleito por sufrágio universal, que hoje vos acolhe; de uma Comissão, cujo papel é o de exprimir o bem comum da Europa; de um Conselho, que reúne, em

períodos determinados, os Chefes de Estado e de Governo para definir as grandes orientações políticas.

Finalmente, a maior parte dos Europeus dispõe, desde 1 de Janeiro, de uma moeda única, que tendes nos bolsos – em quantias insuficientes, dir-me-eis sem dúvida!

Tudo isto parece bem.

Então porquê ir mais longe?

Porque a Europa mudou.

E porque o mundo, também ele, mudou.

A Europa alargou-se.

Começámos com um pequeno grupo de Estados-fundadores, situados a Oeste da Europa, que se encontram representados por jovens Convencionais neste hemiciclo.

Esse núcleo foi-se expandindo por etapas, passando de seis para quinze Estados.

Depois, a partir de 1990, o desmoronar do Império soviético abriu-nos as portas de uma nova era: a da unificação, finalmente possível, do continente europeu!

A nossa Convenção reúne os representantes de todos os Estados-Membros, e de todos os países candidatos.

É a única instituição da União Europeia em que trabalham juntos.

Acolhemo-los de braços abertos: peço para eles o vosso aplauso!

Esta União Europeia alargada, com quase 500 milhões de habitantes, constituirá o terceiro aglomerado humano do nosso planeta, depois da China e da Índia.

Será, também, um aglomerado muito diversificado, com as suas muitas línguas, as suas culturas, os seus modos de vida, as suas legislações e, pelo menos no início, os seus diferentes níveis de desenvolvimento económico.

Ninguém deve subestimar as dificuldades do desafio que representa a organização, sustentável e democrática – e sem precedentes na História! –, de uma União de mais de 25 Estados, cada um com a sua identidade histórica.

As instituições, e os instrumentos de acção desse grande aglomerado, que sofrem em cheio o "efeito de número", precisam de ser reajustados, a fim de se tornarem mais legíveis, mais eficazes, e mais democráticos.

Nisso consiste a primeira tarefa da nossa Convenção.

*

*

*

Mas também o mundo mudou!

A globalização, provocada pela instantaneidade das comunicações, pela rapidez das deslocações, e pela intensificação dos intercâmbios, exerce uma forte pressão sobre o nosso modo de vida, a localização das nossas actividades, a nossa cultura, e os nossos sistemas sociais. Impõe-nos um pesado regime de pensamento único. Ao abater as fronteiras, abre oportunidades, mas também gera riscos.

Citarei dois exemplos:

Falando das oportunidades, desloquei-me no passado mês de Março a Xangai no voo regular, sem escala, de um avião de construção europeia – o que há trinta anos atrás teria sido impensável, pois nenhum país europeu isolado, nem mesmo o maior, teria podido fazê-lo.

Falando dos riscos, assistimos todos os dias à criminalidade transfronteiras, e aos tráficos mafiosos de mulheres, crianças e imigrantes ilegais, a quem se propõe a compra do paraíso. É impossível lutar contra esses tráficos se as acções judiciária e policial esbarrarem nas fronteiras.

Neste mundo, que tende a organizar-se cada vez mais por continentes, como poderá a Europa fazer ouvir a sua voz, exprimir a sua mensagem, e defender os seus interesses?

Não é certamente actuando de modo disperso.

Se a Europa tem uma mensagem a transmitir, uma experiência de liberdade e de tolerância a difundir, e uma solidariedade a partilhar, só terá hipóteses de o fazer exprimindo-se a uma só voz na cena internacional.

Como organizar, então, essa presença da Europa no mundo?

Nisso consiste a segunda missão da nossa Convenção.

*

*

*

**Eis os desafios da Convenção Europeia,
e é por tudo isto que precisamos de vós.**

Estais aqui para nos iluminar.

**Precisamos da vossa imaginação e da vossa liberdade de
pensamento.**

**"O verdadeiro tesouro do Homem é a verde mocidade", escreveu
o poeta Ronsard.**

**A condução dos vossos trabalhos ficará inteiramente ao vosso
critério.**

**As únicas regras a observar são a da liberdade de expressão e a da
tolerância.**

**Os Convencionais que vos designaram quiseram que fôsseis
diversos: pela vossa origem nacional, pela vossa língua, e também pela
vossa experiência profissional. Muitos de vós são estudantes, mas**

outros há que já se lançaram na vida activa, como artesãos, empregados, ou educadores.

Quiseram ainda que viésseis directamente do terreno, para que a vossa mensagem fosse autêntica. Estabeleceram um limite de idade, dos 18 aos 25 anos, para que ficásseis todos em pé de igualdade.

As jovens são um pouco mais numerosas do que os jovens, o que considero excelente.

O que esperamos de vós, é a expressão da vossa convicção pessoal – aquela que tendes nas vossas cabeças, ou nos vossos corações – e não a repetição de *slogans* estudados.

Que esperais da Europa?

Como imaginais a sua organização? Que papéis atribuir à União, aos Estados-Membros, e ao poder local?

De que males deve a Europa curar-se, e quais os que deve evitar?

Qual deve ser o seu lugar no mundo?

Deve munir-se dos meios necessários para assegurar a sua própria defesa?

Dizei-nos o que esperais dos nossos trabalhos, e aconselhai-nos quanto à forma de fazer evoluir a nossa Convenção.

*

*

*

Quando declarei aberta a nossa Convenção, convidei os Convencionais a sonhar, e a fazer sonhar Europa.

Essa minha expressão terá feito sorrir, mas a mensagem passou.

Pois também a vós peço que o façais, hoje!

O dom de sonhar, essa maravilhosa arte que num ápice transforma o mundo, é um privilégio da juventude.

Há sessenta anos, se se tivessem reunido jovens britânicos, alemães, franceses, ou neerlandeses, eles teriam sonhado com a paz. Hoje, esse sonho é uma realidade.

Há vinte anos, se se tivesse perguntado aos jovens checos, húngaros, letões, ou polacos, com que sonhavam, eles teriam

respondido: com a liberdade, com a independência do seu país, e com o fim da divisão da Europa. Hoje, é essa a realidade das suas vidas.

Dizei-nos quais são os vossos sonhos, para daqui a 20 anos!

Sabeis que devemos preparar um documento para o futuro, uma Constituição, ou, se assim se preferir, um Tratado Constitucional para a Europa.

Ajudai-nos a adquirir a força necessária para o redigir, tornando-vos, ao nosso lado, nos Constituintes do sonho!

Sois as cidadãs e os cidadãos da Europa do futuro.

Enquanto tal, começai a exercer, já aqui, os vossos direitos e deveres.

Sinto-me feliz ao dar-vos a palavra.

*

*

*

Mas, antes que comeceis a expressar-vos, peço-vos que ouçais os representantes das instituições europeias: o Parlamento Europeu, e a Comissão.

**A Senhora Deputada Helle Thorning-Schmidt, uma das mais jovens Convencionais,
dirigir-vos-á algumas palavras sobre a Presidência Dinamarquesa.**
